

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - CAMPOS DE BELO HORIZONTE

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Curso De Especialização Em Formação De Educadores Para A Educação Básica

Área De Concentração: Educação, Diversidade e Interculturalidade

Gizele Aparecida Da Silva Batista

**DIVERSIDADE RACIAL: COMO A DIREÇÃO DA EMEI PARAÚNAS
POSSIBILITA A DISCUSSÃO SOBRE O TEMA**

Belo Horizonte

2019

Gizele Aparecida Da Silva Batista

**DIVERSIDADE RACIAL: COMO A DIREÇÃO DA EMEI PARAÚNAS
POSSIBILITA A DISCUSSÃO SOBRE O TEMA**

Monografia apresentada ao curso de Especialização como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação, Diversidade e Interculturalidade pelo Curso de Pós-graduação Lato Senso em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Kátia Pedroso Silveira
Belo Horizonte

2019

B333d
TCC

Batista, Gizele Aparecida da Silva, 1974-
Diversidade racial [manuscrito] : como a direção da EMEI
Paraúnas possibilita a discussão sobre o tema / Gizele Aparecida da
Silva Batista. - Belo Horizonte, 2019.
33 f. : enc, il.

Monografia -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador: Kátia Pedroso Silveira.

Bibliografia: f. 26.

Anexos: f. 27-33.

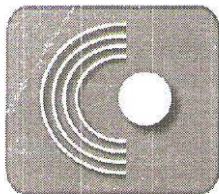
1. Educação. 2. Educação -- Relações raciais. 3. Educação --
Relações étnicas. 4. Educação -- Relações culturais. 5. Educação de
crianças -- Relações raciais. 6. Educação de crianças -- Relações
étnicas. 7. Educação de crianças -- Relações culturais.

I. Título. II. Silveira, Kátia Pedroso, 1963-. III. Universidade Federal
de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.19342

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEPTINGENTÉSIMO SEXAGÉSIMO PRIMEIRO TRABALHO FINAL DO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INTERSETORIALIDADE


Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “**Como a direção da EMEI Paraunas possibilita a discussão sobre o tema étnico racial afro brasileiro**”, do(a) aluno(a) **Gizele Aparecida da Silva Batista**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Kátia Pedrosa Silveira (orientador) e Márcia Basília de Araújo. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado atribuindo-lhe a nota 91, conceito D. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.


Aluno(a) GIZELE A. SILVA BATISTA

Registro na UFMG: 2018751071

Gizele Aparecida da Silva Batista


Kátia Pedrosa Silveira
Professor(a) Orientador(a)


Márcia Basília de Araújo
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)


Luciana Gomes da Luz Silva
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo promover estratégias que possibilitem reflexões sobre como a atual direção da EMEI Paraúnas pode contribuir para a discussão da temática étnico-racial com os professores, favorecendo uma ação mais efetiva em sala de aula junto aos estudantes. Por meio de um conjunto de ações desenvolvidas com o coletivo de docentes da instituição, foi possível promover uma reflexão sobre as questões étnico-raciais e as possibilidades de ampliar essa discussão junto aos alunos da Educação Infantil. Por fim, foi possível estabelecer entre os docentes e a coordenação pedagógica diretrizes de trabalho e projetos sobre a temática. Conclui que a escola deve trabalhar com as diversas realidades sociais, culturais, econômicas, enfim com a pluralidade, contribuindo para a formação positiva da identidade dos alunos e a valorização das heranças de matriz africana. É de fundamental importância a conscientização dos professores, de todos que nela estão, pois, para além das disciplinas clássicas é através da escola que conhecemos o mundo e nos posicionamos politicamente. Enquanto estiver na gestão, todo esforço será realizado para o pleno desenvolvimento de projetos para a diversidade, com destaque à temática étnico-racial.

Palavras chave: Raça, Étnico, Diversidade, África.

SUMÁRIO

1	INTRUDUÇÃO.....	5
2	MINHA TRAJETORIA.....	6
3	CONHECENDO A EMEI PARAÚNAS.....	9
4	UM NOVO OLHAR SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	10
5	APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DO TRABALHO.....	12
6	SOBRE AS INTERVENÇÕES.....	14
7	REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOS DOCUMENTOS COM O TEMA ÉTNICO-RACIAL.....	21
8	PRIMEIRO FRUTO COLHIDO: PROJETO ABAYOMI CONTA HISTÓRIAS VALIOSAS.....	24
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
	REFERÊNCIAS.....	26
	ANEXO.....	27

1 INTRODUÇÃO

Estando na vice - direção de uma escola de educação infantil, me faz refletir e buscar estratégias para melhorar o envolvimento do corpo docente e de todos os funcionários em relação à temática étnico-racial. Sendo assim, este trabalho é uma reflexão sobre “como a direção da EMEI Paraúnas pode contribuir para a discussão sobre o tema Étnico-Racial”. Momentos coletivos de diálogos entre os professores, indicações de bibliografias, livros literários, filmes, artigos, dinâmicas, aquisição de livros para as crianças e oficinas ajudam na formação dos profissionais da referida escola.

Este Projeto não termina com a conclusão do Educação, Diversidade e Intersetorialidade Ele é o precursor de outros que virão. Na revisão do Projeto Político Pedagógico da EMEI Paraúnas, será acrescentada a sistematização do trabalho com a temática étnico-racial.

2 MINHA TRAJETORIA

Meu nome é Gizele Aparecida da Silva Batista e, desde muito pequena, já apreciava os livros e sonhava em ser professora. Ao concluir o ensino fundamental optei por fazer o Magistério. Formei-me no ano de 1998 e somente em 2002 ingressei, por concurso público, como professora do Ensino Fundamental I (1º ao 5º anos) e na Educação de Jovens e Adultos em um município da região metropolitana de Belo Horizonte. Tenho dezoito anos de docência, sendo que há quinze, sou servidora na rede municipal de Belo Horizonte como Professora da Educação Infantil.

No ano de 2004 prestei concurso público para a educação infantil. Lotada desde então na mesma EMEI Paraúnas, regional Venda Nova. Já passei pela coordenação pedagógica e oriento meu trabalho sempre dentro das Proposições Curriculares para a Educação Infantil. Documento que também tive efetiva participação na elaboração entre os anos de 2007 e 2008. Atualmente, estou na vice - direção.

Acredito no meu trabalho e amo o que faço. Em 2013 prestei novamente concurso público para a educação infantil. E desde maio de 2014 sou lotada na EMEI Santa Branca, regional Pampulha, no período da tarde.

Há muitos anos trabalho com projetos e destaco alguns relevantes como o Projeto Africanidades. Por meio desse projeto, levei ao conhecimento dos meus alunos um pouco da história dos africanos no Brasil e as contribuições para a cultura brasileira como a música, a culinária, artes, idioma; os jogos, brincadeiras e cantigas; e personalidades personagens e negros.

A Cultura Indígena também já direcionou meu trabalho. Junto com as crianças, estudamos sobre os índios, sua cultura, modo de viver, vestimentas, ferramentas, culinária, vocabulário, enfim, toda a sua contribuição para a formação da cultura brasileira. Sempre levando as crianças a refletirem sobre a situação do índio atual, com desmatamentos, desrespeito e dizimação dos indígenas.

Em 2016, na coordenação pedagógica da EMEI Paraúnas desenvolvi o projeto “Empoderamento da Mulher Negra na Atualidade”, com a participação efetiva das crianças, professores, funcionários e o envolvimento também das famílias.

Alguns dos objetivos deste projeto foram fomentar a discussão, reflexão e o diálogo a respeito das práticas inclusivas; levar as crianças e seus familiares a se apropriarem e valorizarem sua identidade étnico-racial, resgatando a autoestima; respeitar cada indivíduo sem preconceitos.

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, presta um excelente atendimento às crianças do município de Belo Horizonte. Portanto, desejo mais uma vez contribuir com meu trabalho para que a qualidade da educação cresça sempre mais. Acredito no papel do professor como mediador que observa as ações das crianças, analisa e só aí propõe novas atividades, sempre dialogando com as famílias. Acredito no trabalho de rotina sistemática e flexível da educação infantil, que pode ser estabelecida pelos adultos e também pelas crianças.

Tenho dezessete anos de carreira no magistério. Ao longo deste percurso, trabalhei com todas as idades: da Educação Infantil à Educação de Jovens e Adultos – EJA. Todavia, percebo que a temática étnico-racial não desperta o interesse em alguns professores, sendo que a grande maioria só aborda o tema em novembro, mês da Consciência Negra ou em projetos nos quais o tema não parece ser trabalhado de forma crítica. Essa realidade me causa incômodo. Ouvir de um colega que “[...] para os negros, tudo é preconceito!” é preocupante porque esse profissional não tem dimensão da gravidade desta afirmação. Ele não percebe que o preconceito está arraigado em nossa cultura e que o reproduzimos inconscientemente. Preocupo-me com a formação das crianças que não são levadas a fazer análises críticas sobre as diferenças em nosso país. Não proporcionar aos nossos estudantes um olhar sobre a riqueza da cultura africana e seus legados é privá-los de parte significativa do conhecimento sobre nossa história e de sua valorização. É necessário falar com os alunos sobre preconceitos, promover reflexões sobre a realidade dos negros brasileiros que são a maioria da população e vivem na extrema pobreza ou são chacinados pela polícia, confundidos com marginais.

Assim, tenho focado minha atuação profissional nessa temática. Ao longo dos três anos que passei pela coordenação pedagógica estive envolvida em projetos étnico-raciais desenvolvidos por algumas professoras. Atualmente, na vice - direção tenho os mesmos desafios e agora, mais evidentes. Desde a primeira reunião com o grupo de docentes para os quais apresentei meu projeto do LASEB, percebi que o tema despertou interesse em poucas professoras. Após algumas conversas,

entreguei um questionário sobre o assunto para todas e solicitei que respondessem. No total, trinta professoras receberam o material. Somente seis me devolveram. Isso me faz avaliar que, talvez, a temática étnico-racial não esteja despertando o interesse da maioria dos docentes da escola.

Na gestão, faço o possível para promover um espaço de diálogo e reflexão. Incentivo os projetos desenvolvidos, trago sugestões para o grupo de atividades e bibliografia que recebo ao participar do Núcleo de Estudos Étnico-Raciais na região de Venda Nova. Sempre que possível, desenvolvemos dinâmicas na escola, a partir das quais buscamos criar momentos de aprendizagem, descontração e socialização. Sendo assim, a gestão escolar tem procurado garantir que a escola continue sendo um espaço plural, democrático e aberto a ideias diversas. É possível favorecer, proporcionar momentos de discussão, palestras, oficinas, exibição de filmes nos encontros coletivos dos professores, atividades que procuramos disponibilizar à nossa equipe, mas que nem sempre levam aos resultados que desejamos.

3 CONHECENDO A EMEI PARAÚNAS

Localizada na rua Padre Pedro Pinto, 5700, bairro Paraúnas, região de Venda Nova, a EMEI Paraúnas atende atualmente 223 crianças. Iniciou seu atendimento em outubro de 2004, com todos os professores concursados. Em 2006, as UMEI's (Unidade Municipal de Educação Infantil) conquistaram, através de muita luta e de um trabalho de excelência, o direito a ter uma vice - direção.

Por ser de fácil acesso, ela é muito procurada pelas famílias. A unidade tem quase 800 m², com oito salas, sendo três para atendimento das crianças do integral. Atualmente, a unidade conta com 35 professoras, 2 auxiliares administrativos, 1 secretária, 1 coordenadora de tempo integral, 11 auxiliares de apoio ao educando, 1 vigia, 2 porteiros, 3 auxiliares de limpeza e 4 auxiliares de cozinha.

No que se refere ao contexto sociocultural, 16 % das famílias atendidas pela instituição residem no bairro e 75% no seu entorno, embora recebamos muitas crianças de Ribeirão das Neves e Vespasiano.

A unidade de ensino atende a um público plural nos aspectos socioeconômico, cultural, étnico, religioso etc. Faz-se necessário que os professores, periodicamente, reflitam sobre sua atuação enquanto educador. Não devemos nos silenciar frente a situações de preconceitos e discriminações, quaisquer que sejam. É fundamental o conhecimento das leis 10.639/03 e 11.645/08 e colocá-las em prática.

4 UM NOVO OLHAR SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

A discussão da temática étnico-racial entre os docentes traz amplo conhecimento da diversidade racial em nosso país. É imprescindível sistematizar esse trabalho, não somente por uma exigência legal, mas para desconstruir mitos, eliminar preconceitos e estereótipos. Para tanto, é necessário que professores e toda comunidade escolar estejam envolvidos com a temática por inteiro, o que dessa forma contribuirá para o envolvimento também dos alunos.

A escola deve trabalhar dentro das necessidades de seus alunos e o professor é um espelho que influencia diretamente na formação da personalidade e na identidade dos estudantes, processos pelos quais nos tornamos sujeitos. Torna-se fundamental o trabalho da família e da escola para que os alunos tenham uma imagem positiva de si mesmos.

No texto “Impossibilidades de se ver como um anjo”, Meyer estabelece relação com os currículos escolares e chama atenção sobre a importância da conscientização dos professores:

O currículo passa a ser entendido como sendo núcleo que corporifica o conjunto de todas as experiências cognitivas e afetivas proporcionadas aos estudantes e às estudantes no decorrer do processo de educação escolar, o que significa entendê-lo como sendo um espaço conflituoso e ativo de produção cultural (SILVA, 1995, p. 56).

É necessário que a equipe pedagógica tenha claro que a escola é um espaço de diversidade, de diferentes culturas e linguagens que devem conviver e serem igualmente valorizadas. Essa diversidade deve estar claramente explícita e valorizada no currículo escolar. No livro “Os Condenados da Terra”, Fanon afirma que:

O homem saiu do estado de natureza tornando-se civilizado. Esse domínio não passa pelo senso comum. Sendo assim, povos que não têm acesso à ciência e ao conhecimento não enquadra nessa perspectiva. Criam-se então hierarquias, desigualdades (FANON, 1961, p. 47).

Concordo quando o autor faz essa afirmação visto que, no mundo dito civilizado, somente o conhecimento científico é valorizado desde seu surgimento, no século XIX. Em contrapartida, o senso comum é desprezado, já que não está

pautado na comprovação científica. Esse discurso ameniza a grande diferença que há entre ricos e pobres, brancos e negros.

Observo que na unidade escolar na qual atuo, o tema étnico-racial é pouco trabalhado e diante do exposto, faz-se necessário a discussão sobre o assunto, pois trabalho lá há quase quinze anos e observo que somente algumas professoras desenvolvem projetos relacionados à temática. Meu Plano de Ação teve o intuito de buscar formas de atuação na gestão que possam contribuir para a discussão da temática na EMEI Paraúnas.

Sendo assim, o meu objeto de pesquisa foi: Como a direção da EMEI Paraúnas pode contribuir para a discussão e reflexão de seus professores sobre o tema étnico-racial favorecendo uma ação mais efetiva em sala de aula junto aos estudantes? O principal objetivo foi promover estratégias que possibilitem aos professores da Escola Municipal de Educação Infantil Paraúnas reflexões sobre a importância do estudo sobre questões étnico-raciais de forma mais sistematizada.

Com um olhar mais específico, tento, através deste trabalho, entender qual o valor da temática étnico-racial para os professores; identificar se os docentes têm conhecimento sobre as leis 10.639/03 e 11.645/08 que regem a obrigatoriedade da temática no currículo das escolas públicas e privadas brasileiras. Apontarei estratégias ao grupo para que a temática não seja abordada somente no mês de novembro, já que a influência cultural de matriz africana é de grande importância para a formação de identidade dos brasileiros. Assim, farei o possível para desconstruir mitos e estereótipos relacionados às pessoas negras e, como consequência, promover reflexões entre os professores e sensibilizá-los sobre a questão; favorecer que o grupo crie estratégias de ação sobre o tema junto aos estudantes e disponibilizar bibliografias, textos, artigos e filmes sobre a temática que possam contribuir tanto para a formação de professores quanto de alunos.

5 APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DO TRABALHO

Ao longo da minha carreira como professora e agora na gestão, convivi com as dificuldades como salas cheias, pouco tempo para planejamento pedagógico, sobrecarga de trabalho, jornada dupla ou tripla de trabalho. A dinâmica da sala de aula é muito corrida. Cobranças de rendimentos dos pais, alunos que apresentam dificuldades diversas. Nesse contexto, minha intervenção é uma reflexão sobre como a direção da EMEI Paraúnas pode contribuir para a valorização, entre os docentes, dos trabalhos com a temática Étnico-Racial. É uma ferramenta a mais para os docentes, já que a intenção é oportunizar a troca de experiências, de materiais didáticos, livros e materiais audiovisuais. Acredito que os maiores beneficiados serão os docentes e, principalmente, os estudantes. Além de ampliar o interesse dos professores pela temática, também pode favorecer uma abertura a novos conhecimentos.

Proponho acolhê-los, ouvi-los, sensibilizá-los, para juntos refletirmos sobre como a direção pode ajudá-los nessas práticas.

o artigo “Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e visibilização” de Rodrigo Ednilson de Jesus; o texto “Políticas educacionais, igualdade e diferença”, de Miguel Arroyo.

No Brasil, os traços fenóticos (a pigmentação da pele, o tipo do cabelo, o formato dos lábios, sobretudo) são utilizados como importantes elementos de avaliação social dos indivíduos e, geralmente se transformam na principal fonte de preconceito. Assim, mesmo a genética tendo atestado que somos todos humanos e que raças biológicas não existem, algumas pessoas e alguns grupos, identificados como pertencentes a uma determinada “raça inferior”, continuam a ser vítimas de discriminação e de exclusão em razão de seu pertencimento social. (ARROYO, 2011, p.90)

Fica claro na afirmação acima que o conceito raça é usado como um instrumento de exclusão social e de opressão. Há associação da cor negra à depreciação, ao inferior, ao negativo. Culturalmente essa mentalidade é construída e aceita. Fanon afirma que todo povo colonizado, onde suas origens culturais foram sepultadas, posiciona-se favorável à metrópole, absorvendo sua cultura. Quanto mais ele assimilar os valores do colonizador, mais o colonizado escapará das suas origens, ou seja, mais branco será. Então terá sensação de ascensão social.

Concordo com Miguel Arroyo ao afirmar que, com a população negra, ainda está arraigada a visão de que ser desigual na escola o torna desigual socialmente. Nessa visão, as desigualdades não são das escolas, e sim, da sociedade.

6 SOBRE AS INTERVENÇÕES

A ação foi desenvolvida na Escola Municipal de Educação Infantil Paraúnas, que tem um corpo docente totalmente constituído por mulheres, na faixa etária de 35 a 65 anos, experientes, com curso de graduação. A Prefeitura de Belo Horizonte proporciona, diariamente, uma hora de extraclasse para planejamento, reuniões com pais ou coordenação, formações, elaboração de atividades e outros. Os encontros aconteceram dentro desde tempo destinado a estudos e atividades pedagógicas. No turno da manhã participaram quatro grupos com quatro docentes em cada um. À tarde outros quatro grupos, A ação que desenvolvi neste trabalho foi cuidadosamente planejada. Ela foi estruturada na perspectiva da reflexão, com seis encontros ao todo.

Inicialmente, fizemos a dinâmica denominada “Caminhada do Privilégio”. Esta dinâmica consiste em solicitar que, em um espaço amplo, todos os participantes se posicionem, um ao lado do outro, para dar início a uma corrida. Seguindo as orientações apresentadas, cada participante dará passos para frente ou para trás.

As orientações que utilizei na atividade foram:

- a) Se você tem plano de saúde, dê um passo para frente.
- b) Se pode viajar por conta própria pelo mundo sem sentir medo de assédio, dê um passo à frente.
- c) Se você já sofreu violência sexual ou racismo, dê um passo à frente.
- d) Se seus pais concluíram o ensino médio dê um passo à frente.
- e) Se seus ancestrais vieram ao Brasil escravizados, dê um passo para trás.
- f) Se as pessoas que lhe criaram tiveram que trabalhar à noite, nos finais de semana ou em dois empregos para sustentar a família, dê um passo para trás.
- g) Se já teve que escolher entre ter lazer / viajar e comprar algo para os filhos (as), dê um passo para trás.
- h) Se você veio de um ambiente familiar que lhe apoiava em seus projetos e ambições, dê um passo à frente.
- i) Se o bairro onde mora ou cresceu tem alta incidência de crime ou tráfico de drogas, se já foi invadido / ocupado pelo poder público, dê um passo para trás.

- j) Se você já teve que mudar seu sotaque ou modo de falar para ter mais credibilidade, dê um passo para trás.
- k) Se seguranças de estabelecimentos comerciais lhe seguem, dê um passo para trás.
- l) Se a sua orientação sexual é utilizada como xingamento, dê um passo para trás.
- m) Se você já foi discriminado, sofreu abusos verbais ou físicos por causa de sua aparência, dê um passo para trás.
- n) Se você acredita que seus pais conseguiram te dar uma ajuda financeira, caso você estivesse passando por dificuldades, dê um passo à frente.
- o) Se o seu comportamento e, em especial seus erros são raramente atribuídos ao seu gênero, dê um passo à frente.

Ao final da dinâmica, os participantes identificaram claramente que os menos favorecidos socialmente estavam atrás e os mais favorecidos socialmente estavam na frente. A atividade possibilitou uma reflexão sobre nossa realidade social, uma vez que a maioria dos professores não negros ficaram posicionados bem à frente. A dinâmica demonstra que os negros são os menos favorecidos na sociedade brasileira. Logo após, discutimos sobre o que representou esta atividade para cada pessoa e muitas ficaram emocionadas, relatando diferentes momentos que passaram em situações de discriminação.

Na reunião seguinte, apresentei o projeto e horários destinados aos encontros coletivos juntamente com a diretora da escola que me apoiou durante todo o processo. Apresentei a proposta de que, ao final dos encontros cada aluno / professor deveria elaborar um Plano de Ação para ser desenvolvido na escola. Insisti na ideia de que não podemos nos silenciar frente a preconceitos e discriminações, sejam elas religiosas, étnicas, de gêneros e/ou de quaisquer outras. Expliquei a todos que iniciaria com um questionário contendo algumas perguntas sobre a prática docente no que diz respeito à temática. Ele foi lido e entregue no terceiro encontro aos professores para serem respondidos e a partir deste instrumento, iniciei a coleta de dados para reconhecimento de campo. Deste instrumento, esperava colher dados objetivos a respeito dos trabalhos desenvolvidos em sala de aula. Uma professora o respondeu no mesmo dia que foi entregue e elogiou meu projeto. Afirmou ser necessário e urgente termos formações e momentos de discussões sobre a temática.

No encontro seguinte, o tema abordado foi as práticas pedagógicas na rotina. Foram apresentadas sugestões de obras literárias para serem trabalhadas com as crianças: coleções, como “Africanidades”, livros infantis “Lindara”, “O Cabelo de Lelê”, “Menina Bonita do Laço de Fita”, “Cadarços Desamarrados”, “Lulu Adora Biblioteca”, “Saci” “Afra e os Três Lobos Guarás”. Na ocasião, apresentei a coleção “A Cor da Cultura”. O material ficou disponível para o conhecimento de todos. Minha intenção era disponibilizar para o grupo de professores diversos livros. O acervo da escola também foi utilizado. Nesse dia, as professoras tiveram contato com diversos títulos que abordam a temática. Foi possível fazer empréstimos, observações e análises críticas como a do livro “Bonequinha Preta”. A obra é criticada porque a boneca é estereotipada com lábios proeminentes e extremamente vermelhos, é “propriedade” da Mariazinha, menina branca que manda e desmanda na boneca. A bonequinha Preta não passa para as crianças uma imagem positiva, já que é subserviente da menina além de ser uma boneca e não um ser humano. Na discussão sobre a obra de Alaíde Lisboa as docentes concordaram com a crítica levantada por uma colega de profissão, afirmaram que não vão deixar de trabalhar com o livro, pois é um clássico e as crianças o apreciam muito. Entretanto, não vão deixar de fazer observações junto às crianças, como por exemplo: “a maneira que Mariazinha trata a Bonequinha Preta não é legal! Por que será, crianças?” E, a partir dessa conversa, levar os alunos a refletirem sobre o respeito, a amizade, o cuidado com o outro. Meus objetivos foram alcançados nesse encontro porque levei o grupo a refletir ao analisar e escolher livros para trabalhar a temática. A literatura é uma ferramenta eficaz para se trabalhar com crianças. Portanto, conhecer os livros e ter objetivos é essencial para desenvolver um bom trabalho.

Na semana da apresentação dessas obras, exibimos também os filmes “Contos Africanos”, e “Menino Nito” que compõem a coleção “A Cor da Cultura”. O livro “Vocabulário” foi sugerido para as professoras trabalharem em sala de aula. Meu objetivo era envolver as crianças diretamente no projeto. Organizamos sessões de cinema para professores, crianças e auxiliares, com pipoca e suco. Os menores assistiram filmes de tempo mais curto, como “O Menino Nito” e “Menina Bonita do Laço de Fita”. Após a exibição, fiz perguntas para as crianças como “o que mais chamou a sua atenção?”, “fale um pouco sobre a menina bonita do laço de fita”. Os comentários foram positivos, demonstraram que foi um momento muito agradável.

No próximo encontro, foi proposto aos professores que se reúnem em grupo para analisarem e escolherem quais materiais seriam usados em sala de aula com as crianças também para pensar um projeto dentro da temática para ser desenvolvido no seguinte, em 2020.

Em determinado momento, uma professora do turno da manhã me fez o seguinte questionamento: “Qual é a importância / relevância dos contos de histórias de temática africana para o grupo docente da EMEI Paraúnas?” Segundo ela, o grupo ainda não tem consciência da importância deste momento tão rico que é o de contar histórias, já que a literatura é uma das ferramentas fundamentais para se trabalhar o tema étnico racial. Essa professora deixou claro que há necessidade de uma construção coletiva do grupo. Outros professores também concordaram. A referida professora está em readaptação funcional. Desenvolve um excelente trabalho contando histórias e fazendo dramatizações sobre a temática afro-brasileira. Foi montado um cronograma semanal e assim, ela passa por todas as turmas do turno da manhã, contando histórias. A professora é muito querida entre as crianças, professores e funcionários da escola. A direção a apoia neste projeto e oferece todos os recursos necessários para que ela desenvolva seu trabalho.

Em outro momento, uma professora do turno da tarde, me disse que após incluir o conto de histórias em sua rotina diária, as crianças passaram a identificar situações de acordo com os personagens. Como exemplo, citou o livro “O Cabelo de Lelê”, depois de ouvir a história as crianças passaram a analisar os próprios cabelos e os dos colegas e professores.

Ao longo do desenvolvimento do meu projeto na Paraúnas, passei a observar mais atentamente as pessoas, as falas, os olhares, comportamentos, em determinado dia. Conversando com duas professoras negras, elas me confidenciaram que não trabalham com a temática somente no mês de novembro, mas quando há alguma demanda em sala de aula. Perguntei a elas se não houver demanda, vocês não trabalham? Disseram que sim.

Observei há muito tempo que elas alisam os cabelos que são pranchados toda semana. Quando o assunto surgiu, elas disseram que os fios são muito “duros” e que o uso da química facilita “domá-los” [sic]. Uma delas me confidenciou que, quando era criança dizia a todos que ser professora era seu sonho. Entretanto, a avó lhe dizia de maneira áspera: “você vai ser professora? Mas não existe professora preta, os alunos vão rir de você!” Ela me disse que as falas da avó a

marcaram profundamente e deram forças para superar o trauma e se formar em pedagogia.

Em outra reunião com o grupo, conversávamos sobre os livros e brinquedos que ficam à disposição das crianças nas salas de aula. Uma professora observou que na turma dela, entre as bonecas negras e brancas, essas últimas são as preferidas das crianças. Quando todas as bonecas brancas já foram escolhidas, os alunos pegam outros brinquedos, não as bonecas negras.

O trabalho foi desenvolvido em encontros com pequenos grupos de professores da EMEI Paraúnas. Nossas reuniões ocorriam por trinta minutos, no horário do encontro coletivo, às 07:00 e 17:00 horas ou nos horários extraclasse. As atividades foram desenvolvidas em oito etapas:

1ª. Dinâmica “Caminhada do privilégio”.

2ª. Apresentação da proposta de trabalho aos docentes.

3ª. Entrega do questionário.

4ª. Troca de experiências, entrega do questionário, apresentação do material didático como livros, cd’s, dvd’s.

5ª. Exibição dos filmes para as crianças, professores e auxiliares “Contos Africanos”, “O menino Nito” e “Menina Bonita do Laço de Fita”.

6. A cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade e as Leis 10.639/03 e 11.645/08.

7ª. Reconhecimento da identidade afro-brasileira.

8ª. Conversa sobre as estratégias que iremos adotar para as práticas dentro da nossa escola. Foi sugerido por algumas professoras o resgate da tenda para conto de histórias e atualizar o Projeto Político Pedagógico no que se refere também à temática africana.

A proposta inicial do projeto era pesquisar “Como os professores da EMEI Paraúnas trabalham a questão étnico racial”. Após muito diálogo com minha orientadora, repensei já que os professores poderiam entender que minha intenção poderia ser de fiscalizá-los, já que estou na vice - direção da escola. Sendo assim, optei por mudar meu tema, passando para “Como a direção da EMEI Paraúnas possibilita a discussão sobre o tema étnico racial”. Portanto, é possível também ajudá-los, na busca de conhecimento e materialidade.

Além do trabalho com os professores, desenvolvo atividades também com as crianças, em menor proporção. No anexo 2 apresento, alguns trabalhos produzidos por crianças de uma turma de 3/4anos.

Após diálogos sobre o tema, troca de conhecimentos e informações, será realizado, uma Roda de Conversa sobre o tema. Iremos abordar as leis 10.639/03 e 11.645/08 e a condução pedagógica a respeito de questões Étnico-Racial.

No mês de agosto, fui convidada pela direção da outra escola na qual sou lotada para apresentar também meu projeto de intervenção do LASEB. Fiquei muito lisonjeada com o convite. Ele foi prontamente aceito. Iniciei o processo de planejamento tendo que fazer algumas alterações no projeto inicial, já que na EMEI Paraúnas meu trabalho está focado na gestão.

A data agendada foi o dia dois de outubro. Quanto à organização do encontro feita juntamente com a coordenação, seguiu os mesmos formatos da planejada na Paraúnas: quatro grupos com, em média quatro professores em cada, no turno da manhã e tarde.

Minha abordagem foi “As relações étnico-raciais afro-brasileiras no currículo da educação infantil”. Iniciei os encontros projetando o clipe da música Beleza Pura, de Caetano Veloso que mostra as riquezas do legado africano para a cultura brasileira como as danças, a música, trajes, pinturas corporais, diversidade de pessoas, capoeira. Após o momento deleite, conversamos sobre as heranças da matriz africana para nós, brasileiros. Alguns professores pontuaram que infelizmente, nem todos a valorizam. Muitos concordaram com esta afirmação. Após as falas, apontei a necessidade do cuidado para se falar sobre o tema. Não basta apenas existirem leis que nos obriguem a trabalhar com esse tema. É necessário que os docentes tenham predisposição, incentivo, sensibilidade para buscar, pesquisar, intervir, dialogar com seus alunos. Ressalto que se forçarmos, se obrigarmos os professores a trabalharem com o tema o resultado será péssimo para os alunos e poderá refletir de maneira negativa em suas vidas.

Esclareci aos meus colegas que a escolha do tema se deu pelo fato de eu observar ao longo de minha carreira que pouquíssimos professores trabalham com a temática. Quem realmente se envolve são algumas professoras negras. Sendo assim, procurei entender os motivos pelos quais nem todas se envolviam, já que somos brasileiras, frutos das matrizes africana, indígena e europeia. O resultado da pesquisa foi que a maioria dos docentes não sabe exatamente como abordar o

tema. Por ser polêmico, eles têm receio em direcionar de maneira equivocada, assuntos como religiões de matriz africana. Temem se indispor com as famílias dos alunos.

Em seguida, falei sobre as leis 10.639/03 e 11.645/08 que estabelecem diretrizes para as escolas públicas e particulares brasileiras trabalharem com o legado e as contribuições da cultura africana e indígena. Peguei um gancho para falamos sobre o currículo, ressaltando a importância da educação infantil na construção da identidade das crianças. Demonstrei, rapidamente, as dobras da subjetivação. Para exemplificar, peguei uma folha branca de ofício e disse: imagine que essa folha seja uma criança que nasce em uma família preconceituosa. Nesse momento, fiz uma dobra. Se ela convive com pessoas que também têm preconceito outra dobra irá acontecer. Ao longo da trajetória do indivíduo, fui fazendo dobras que representavam a permanência de mentalidades discriminatórias. Ao chegar na vida adulta, talvez essa pessoa queira mudar seu pensamento e atitudes. Porém, mesmo querendo a mudança, as dobras permanecem. Mostrei aos professores a folha amassada. Houve discussão e muitas reflexões sobre a necessidade de um bom trabalho na infância para evitar que essas dobras se formem e permaneçam o longo da vida.

7 REFLEXÕES SOBRE O RESULTADO DO QUESTIONÁRIO COM O TEMA ÉTNICO-RACIAL

Com o questionário em mãos, analisei em primeiro lugar a quantidade que me foi devolvida pelos professores. Foram entregues trinta e oito questionários e somente sete foram devolvidos. A primeira pergunta foi sobre o conhecimento das Leis 10. 639/03 e 11.645/08. Todos afirmaram que conhecem as leis. A segunda questão foi sobre a frequência que o tema é abordado na rotina de sala de aula. Duas professoras responderam que trabalham naturalmente, dependendo da demanda da sala; duas responderam que trabalham somente em novembro; uma professora trabalha toda semana; uma afirmou que trabalha sem data ou tempo específico, de acordo com a rotina da sala; uma professora afirmou que trabalha diariamente. Analisando essas respostas concluo que o tema é pouco trabalhado em sala. Perguntei sobre o conhecimento do projeto de Ações Afirmativas no município de Belo Horizonte. Cinco professoras disseram conhecer e duas desconhecem. Uma ressaltou que o projeto é muito pouco divulgado. Em relação às quotas para o ingresso nas universidades, cinco responderam que são a favor e duas, contra. Afirmaram que são contra porque “entendem que todos têm as mesmas condições e a cor não influencia nas condições do aprender” e que “o conhecimento é inerente ao ser humano, ele não é mais ou menos capaz pela cor da pele (etnia). Apesar de saber o que foi acarretado ao negro ao longo de décadas e séculos, não percebo que o fato de ser negro o torna menos capaz. Percebo que a preocupação deve ser com a questão social. O que difere o ser humano é o acesso às oportunidades”. Após a discussão os que se mostraram favoráveis afirmaram que são a favor porque “as cotas não inferiorizam os negros, elas só reparam décadas atrás, quando meus ancestrais estavam sendo transportados em um navio negreiro para servir como escravos. A sociedade nos deve até a alma. Foram trezentos e cinquenta e oito anos de escravidão sendo tratados como coisas apenas por serem negros, então as quotas seriam como um acerto de contas comigo e meu povo, a dívida será eterna, nem mesmo as quotas raciais vão conseguir quitá-las. Sim, quotas raciais apenas como um ‘acerto de contas’ e sabemos que mesmo com quotistas ainda a grande maioria da elite que está na universidade é branca”. Outra é a favor das quotas

porque “se tantos séculos de história criaram as injustiças e desigualdades, as quotas vêm no sentido de tentar minimizar o tratamento desigual que receberam ainda é pouco”. Outra professora afirmou ser a favor das quotas porque “o conhecimento é direito do ser humano”. Por “questão de justiça” também foi pontuado por outra professora. A quinta professora disse que é a favor “para que as minorias possam ter acesso às oportunidades oferecidas a todos”. A última pergunta foi sobre a frequência que o professor trabalha a oralidade e memória da cultura africana com seus alunos, abrangendo livros, obras de artes, músicas, culinária, instrumentos musicais e outros. Três responderam “que não tem uma frequência de se trabalhar, é flexível. Trabalha em todas as oportunidades. Em sala, as crianças têm acesso a livros, revistas, brinquedos, bonecas negras e brancas”. Uma professora respondeu que “Algumas coisas são trabalhadas no cotidiano. Histórias são contadas de autores e personagens negros como protagonistas, pontualmente. Músicas e palavras da língua falada, expressões de uso corriqueiro, alimentos, gestos e brincadeiras. Penso que o que falta é intensificar o trabalho explicitar que vêm de nossa origem africana e indígena”. Outra professora disse que trabalha “semanalmente ou sempre que possível. Há pouco acervo sobre obras de arte”. “No momento atual não estou trabalhando com muita frequência devido à idade das crianças, mas nos anos anteriores, uma vez por semana”, é a fala de outra professora. Apenas uma disse “não trabalhar de forma voltada especificamente para a cultura africana. Tenho sentido com o passar do tempo dificuldades em abordar alguns assuntos relacionados ao tema”.

Diante da realidade apresentada, é evidente que nem todos os docentes da EMEI Paraúnas envolvem-se com a temática étnico-racial. Essa afirmação fica mais clara através dos dados colhidos. Portanto, faz-se necessário que a direção atue, proporcionando formações, materiais didáticos, livros, momentos coletivos de diálogos para que o trabalho dos professores tenha um resultado mais positivo com seus alunos. A escola é de fundamental importância porque forma identidades sociais.

Segundo Meyer, “[...] ao longo do tempo e em diferentes sociedades e culturas ocidentais modernas, a escola esteve sempre envolvida com a formação de determinados tipos de pessoas, de identidades sociais”.

É de fundamental importância a conscientização dos professores, de todos que nela estão. Pois, para além das disciplinas clássicas como Português,

Matemática, Ciências Sociais é através da escola que conhecemos o mundo e nos posicionamos politicamente.

Ressalto que, após o início da intervenção houve uma maior movimentação e até interesse pelo tema. Passou a se falar mais sobre as questões étnico-raciais nas reuniões pedagógicas, na sala dos professores e em conversas informais. Entretanto, o primeiro fruto colhido da intervenção foi o Projeto “Abayomi conta histórias maravilhosas”. Sobre este trabalho falo em maior detalhe no próximo capítulo.

8 PRIMEIRO FRUTO COLHIDO: PROJETO ABAYOMI CONTA HISTÓRIAS VALIOSAS

Posso afirmar que o projeto “Abayomi conta histórias valiosas” foi primeiro fruto colhido após o início da minha proposta de trabalho. Ele é desenvolvido por duas professoras, sendo uma no turno da manhã e a outra, no turno da tarde. O projeto é uma proposta pedagógica para ser desenvolvido em todas as turmas, durante o ano de 2019. O Projeto Político Pedagógico da EMEI Paraúnas propõe momentos diários para contação de histórias, fora da rotina de sala de aula. Nessa perspectiva, são valorizadas, a partir deste ano, as histórias cujos temas perpassam a temática étnico-racial. Uma vez por semana, todas as crianças têm trinta minutos de histórias com variados títulos.

Nesse contexto, o projeto “Abayomi conta histórias valiosas” estimula o gosto pela leitura, a formação de valores, hábitos e comportamentos, o respeito às diferenças e as características dos diversos grupos que contribuíram para a formação da cultura brasileira.

Abayomi significa encontro precioso. A proposta, segundo as professoras, foi valorizar os Griots, antigos contadores de histórias africanos.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão da temática étnico-racial entre os docentes traz amplo conhecimento da diversidade racial em nosso país. É imprescindível sistematizar esse trabalho, não somente por uma exigência legal, mas para desconstruir mitos, eliminar preconceitos e estereótipos. Para tanto, é necessário que professores e toda comunidade escolar estejam envolvidos com a temática por inteiro, o que dessa forma contribuirá para o envolvimento também dos alunos.

A escola deve trabalhar dentro das necessidades de seus alunos e o professor é um espelho que influencia diretamente na formação da personalidade e na identidade dos estudantes, processos pelos quais nos tornamos sujeitos. Torna-se fundamental o trabalho da família e da escola para que os alunos tenham uma imagem positiva de si mesmos. Sendo assim, passando pela gestão nesse momento, procurei contribuir para a discussão do tema na escola, oportunizando momentos de diálogos, sugestões de atividades, de livros e materiais didáticos. Foi enriquecedor porque tive a oportunidade de conhecer melhor meus colegas. O projeto foi para além do planejado, pois em alguns momentos presenciei colegas emocionados ao fazer relatos da infância e ao longo da vida, momentos marcantes de discriminação, de descobertas, de empoderar-se, enquanto pessoa negra. Foram importantes as discussões, os relatos, as trocas de experiências.

O Projeto Abayomi conta histórias maravilhosas foi o primeiro resultado concreto de trabalho com a temática étnico-racial após o início da intervenção. Trata-se de contos de histórias africanas e brasileiras, ressaltando a cultura afro-brasileira.

A direção da EMEI Paraúnas incentiva a formação dos professores, nos variados temas, principalmente o étnico-racial e deixará, para as futuras gestões e comunidade escolar, caminhos para uma educação mais plural, democrática e humana.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Políticas educacionais, igualdade e diferenças. RBPAE, v27, n 1, p.83-94 ,jan/abr. 2011.

BRASIL / MEC, Base Nacional Comum Curricular, 2018. Disponível em:
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>.

BRASIL. Constituição (1988), Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL / MEC. Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Brasília, DF: 9 de janeiro de 2003.

BRASIL. Lei 11.645 de 2008. Brasília, DF: 2008.

JESUS, Rodrigo Ednilson. Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e invisibilização. Educação em Revista: Belo Horizonte, nº 34, 2018.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Das (im) possibilidades de se ver como anjo. Livro Experiências étnico culturais para a formação de professores. In GOMES, N. L. e SILVA, P. G. Autêntica, Belo Horizonte, 2002.

ANEXO

Fotografia 1. Fachada da EMEI Paraúnas



Fonte: Própria auditoria

Fotografia 2. Encontro com indígenas na festa da família 2019, EMEI Paraúnas



Fonte: Própria auditoria

Fotografia 3. Primeiro encontro com professores – EMEI Paraúnas



Fonte: Própria audiotória

Fotografia 4. Encontro com professores – EMEI Paraúnas



Fonte: Própria audiotória

Fotografia 5. Livros, CD's e DVD's



Fonte: Própria audiotória

Fotografia 6. Exibição do filme o menino Nito para as crianças



Fonte: Própria audiotória

Fotografia 7. Exibição do filme contos africanos



Fonte: Própria audiotória

Fotografia 8. Exibição do filme menina bonita do laço de fita para as crianças



Fonte: Própria audiotória

Fotografia 9. Conversa com professores da EMEI santa branca



Fonte: Própria auditoria

Fotografia 10. Conversa com professores da EMEI santa branca



Fonte: Própria auditoria

Fotografia 11. Equipe da EMEI santa branca



Fonte: Própria auditoria

Fotografia 12. EMEI Santa branca



Fonte: Própria auditoria

Fotografia 13. Lembrança para os participantes



Fonte: Própria auditória

Fotografia 14. Lembrança para os participantes



Fonte: Própria auditória